



Os 90 anos da Santa Casa da Misericórdia

Manuel Leite da Silva Garcia e Enedina Alves Leite Garcia

“Bem-hajam os que deixam de si grata e perdurável lembrança”

Muito rica é a história da Misericórdia de S. João da Madeira, rica pelos inúmeros acontecimentos que nela tiveram lugar na sua nonagenária história, pelos destacados serviços prestados à população, e rica ainda porque por ela passaram (e com ela lidaram) as mais distintas personalidades que S. João da Madeira conheceu neste período, notabilidades merecedoras de encomiásticos louvores. Personalidades que não se retiveram na maledicência ou na inércia, mandando outros fazer, mas que foram os primeiros a dar o exemplo, fosse pelo trabalho esmerado fosse pela pronta e generosa contribuição material, abrindo os “cordões à bolsa” e dispondo dos seus recursos, sempre em prol dos mais desfavorecidos. É sobre esta gente egrégia e singular que a Misericórdia assenta a sua história e os seus valores, bases fundamentais que garantem uma acção adequada às necessidades dos conterrâneos, procurando a melhor forma de as enfrentar. Entre estes ilustres recordamos hoje um casal benemérito, Manuel Leite da Silva Garcia e Enedina Alves Leite Garcia, que passou a vida a atender as solicitações dos sanjoanenses, ambos exemplo de bairrismo e de dádiva a S. João da Madeira.

Galhardia, franqueza e voluntarismo

Leite Garcia, como vulgarmente era tratado, nasceu no seio de uma das famílias mais importantes da terra e onde se inclui o Conde Dias Garcia, de quem era sobrinho. O bairrismo, a doação, o empreendedorismo, a galhardia, a franqueza e o voluntarismo, estavam-lhe no sangue e fizeram dele um homem vibrante e apaixonado pelas causas locais. Sendo qualidades positivas estas características também o dispuseram à polémica, dissensões que com coragem enfrentou, mesmo quando entre os adversários se contaram os mais poderosos da terra. Arrostando durante a vida acesas disputas, entre elas, com o Presidente da Câmara Municipal, António Henriques, e com os médicos do hospital. Todavia, foi igualmente, reconhecido como homem de valor, conforme atesta a sugestão do seu nome para a presidência da Câmara Municipal em 1946, após a exoneração de António Henriques.

As características inatas aliadas à condição de sócio da Oliva, que lhe proporcionava avultados meios financeiros, fizeram dele um exemplo de bairrismo, pelo afinco com que trabalhava, despendia, e angariava largas somas de dinheiro em prol das iniciativas de progresso da sua terra.

Um eclético bairrista

Colaborou na construção do Parque e Santuário de Nossa Senhora dos Milagres. Foi promotor e o maior contribuinte da construção da capela de Santo António. A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de S. João da Madeira também o reconhece como um destacado benemérito, pelos donativos que fez e que angariou, quer em terras do Brasil quer em iniciativas locais. A Associação Desportiva Sanjoanense está-lhe grata pela acção determinante que teve no desbloquear do compromisso financeiro que onerava o campo de futebol.

Indelevelmente ligado à Santa Casa



Um homem deste gabarito tinha que estar indelevelmente ligado à Misericórdia. Logo em 1926, o primeiro Provedor, Oliveira Júnior, sabendo dos seus méritos, chama-o para mordomo da Mesa Administrativa. Foi eleito por unanimidade e aclamação e encheu, assim, um profícuo ciclo de 13 anos de permanência na gestão dos destinos da instituição. No ano seguinte, em 1927, a sua esposa, Enedina Alves Leite Garcia, contribuiu para as despesas de instalação e mobiliário da maternidade, e para o arranjo do altar da capela do hospital com castiçais, imagem de Cristo e do padroeiro S. Francisco.

Após a morte do primeiro Provedor, em 1935, Leite Garcia vê os Provedores seguintes, António José Pinto de Oliveira e José António da Neves, reclamarem os seus serviços, pelo que se mantém na Mesa Administrativa.

Em 6 de Outubro de 1938, Leite Garcia propõe uma homenagem aos Beneméritos Luiz Ribeiro, (Fundador), e Oliveira Júnior (1º Provedor), destacando-se no trabalho da comissão de homenagem nomeada para esse efeito. A Mesa Administrativa entregou-lhe o encargo de escolher o artista e de realizar os contactos necessários à execução dos bustos que haveriam de perpetuar em bronze a memória daqueles grandes vultos. É precisamente nesta altura, e por causa de divergências sobre a melhor localização dos bustos, que Leite Garcia e o Presidente da Câmara Municipal, António Henriques (e ainda mordomo na Mesa Administrativa da Santa Casa), extremam posições, cisão que teve funestas consequências futuras. Em 19 de Maio de 1939, Leite Garcia apresenta uma carta de demissão da Mesa Administrativa, decisão que mantém mesmo depois de uma comissão de mesários lhe solicitar que reconsiderasse.

Funestas consequências

Em 1940, Leite Garcia apoiou um grupo encabeçado pelo Dr. Joaquim Milheiro e composto por cinco membros da Mesa Administrativa e por algumas outras personalidades, que entendeu organizar a título póstumo, uma homenagem ao Dr. António Ribeiro Leite da Silva, médico que devotada e gratuitamente prestara serviços aos indigentes acolhidos no hospital. A iniciativa

incluiu uma celebração eucarística, o descerramento de um retrato a óleo, e elogiosas intervenções do próprio Dr. Joaquim Milheiro e do pároco da freguesia, Padre António Maria de Almeida Pinho. O evento pareceu consensual mas, em reunião da Mesa Administrativa, António Henriques vem verberar inexistirem razões para a dita homenagem pois aquele médico não prestara ao hospital serviços justificativos. Propõe inclusive que o retrato seja retirado, proposta contrariada pela Mesa Administrativa em votação. Por esta altura, Leite Garcia e o Dr. Nicolau da Costa acaloravam uma polémica nos jornais locais “O Regional” e “O Sanjoanense”, sobre as remunerações dos médicos.

Pequenas questões, graves consequências

Com o afastamento de Leite Garcia da Mesa Administrativa, e por efeito da profunda inimizade que aquele nutria por António Henriques, que então pontificava na Santa Casa, cortou-se a forte e antiga ligação da família Garcia à instituição terminando, consequentemente, os volumosos e regulares donativos que sustentavam o movimento diário do hospital. Todavia, as consequências desta ruptura não se ficaram por aqui. Em 4 de Novembro de 1945, em “O Regional”, noticia-se a criação da Creche Albino Dias Fontes Garcia para cujo fim a esposa e os filhos deste benemérito, já falecido, ofereceram o palacete em S. João da Madeira e o terreno anexo. A subscrição promovida no Rio de Janeiro para a instalação e arranque da Creche atingiu 300.000\$00. No mesmo quinzenário Leite Garcia aborda a situação escrevendo: *“Afirmando, já que é necessário fazê-lo, (excepção feita ao auxílio prestado à Creche Albino Dias Fontes Garcia) que a família Garcia tem mantido e continuará a manter o seu propósito de não contribuir com dinheiro para esta terra enquanto estiver na Câmara Municipal de S. João da Madeira o actual Presidente... Tanto é verdade o que tenho afirmado que desde há muito tempo a esta parte nem para a Santa Casa da Misericórdia nem para quaisquer outras obras ou melhoramentos locais, a família Garcia coisa alguma tem dado, ao contrário do passado, durante o qual se revelou por suas benemerências as mais diversas em favor desta terra”*.

Recorde-se que 10 anos antes, em sessão solene realizada em 1 de Novembro de 1935, a Santa Casa homenageara Albino Dias Fontes Garcia, descerrando um retrato a óleo e elevando-o à condição de benemérito. Ou seja, a génese de uma Creche sob o seu nome somente se justifica pelo antagonismo entre estes próceres e pela preponderância de António Henriques, à data, na Santa Casa. Sem esta disputa talvez a história se escrevesse com outro final.

Grata e perdurável lembrança

A 18 de Agosto de 1949 dá-se o passamento de Leite Garcia. A perda foi muito sentida pelos sanjoanenses que não esqueciam as suas benemerências. No ano seguinte, a 8 de Agosto de 1950, Belmiro Silva redige em “A Grei Sanjoanense”: *“Amante da sua terra como poucos, ele erguera-se à altura de merecer a estima e o respeito dos seus conterrâneos. E foi, mercê da sua pessoa benquista, tantas vezes homenageada, que o seu nome se aureolou a um tão grande*

prestígio que, hoje, todos nós sentimos o seu passamento ao recordar a sua acção em prol do progresso de S. João da Madeira, que tão entranhadamente amou. (...) Bem hajam, pois, os que, ao partirem deste mundo, deixam de si grata e perdurável lembrança das suas virtudes e dos seus nobres cometimentos”

Brasileira de nascimento, sanjoanense no coração

Leite Garcia deixou viúva Enedina Alves Leite Garcia, natural de São João d’El-Rei, no estado de Minas Gerais, Brasil. A origem brasileira não afectou o seu profundo apego a S. João da Madeira, afecto que manifestou por inúmeras formas, sempre em prol das crianças, dos idosos e dos doentes, em suma, os mais desprotegidos.

Favorecia a Creche Albino Dias Fontes Garcia e o hospital da Santa Casa. Obra perene, em que homenageia a memória seu defunto marido, é a Cantina Manuel Leite da Silva Garcia, anexa à escola Dias Garcia que Enedina Garcia mandou construir e que foi inaugurada em 28 de Janeiro de 1953.

Em 12 de Abril de 1955, com 69 anos, vítima de doença que a acometera pouco antes, falece no Rio de Janeiro, onde fixara residência. Contava vir nesse ano a Portugal, sonho que a morte tornou inviável. Conforme publica “O Regional” de 17 de Abril de 1955, o testamento de Enedina Garcia *“foi mais um reflexo dos seus sentimentos caritativos, pois por ele beneficiaram diferentes instituições da nossa terra. Além dos diversos legados, como lembranças a sobrinhos, afilhados, etc., deixou uma pequena propriedade à Irmandade de Santo António, outra à Casa do Gaiato, e o seu esplêndido palacete desta vila e respectiva propriedade à Creche Albino Dias Fontes Garcia. O remanescente da sua fortuna, computada em alguns milhares de contos, foi dividido em partes iguais pela Santa Casa da Misericórdia, pela Cantina Escolar Manuel Leite da Silva Garcia e pela Fundação Social Oliveira Júnior.”*

Estas verbas foram de tão grande monta que, com o 1/3 da Cantina Manuel Leite da Silva Garcia foi possível constituir um fundo para assegurar o fornecimento de refeições gratuitas às crianças e, ainda, a construção de novas cantinas em várias outras escolas. A parte da Misericórdia, que ficou liberta em fins de 1957, representou 1.825.285\$00, montante que corrigido traduziria hoje uns impressionantes 650.788,45 € !!! Este donativo foi determinante para a decisão da Mesa Administrativa, de avançar com a edificação de um novo hospital. Reconhecido, o Provedor Benjamim Valente, em reunião daquele órgão social, teve palavras de gratidão para a grande benemérita e para o seu saudoso marido, Leite Garcia. A cidade igualmente a perpetuou na toponímia local, com atribuição do seu nome a um arruamento central. Ambos os beneméritos foram retratados em quadros a óleo que se encontram hoje expostos no Salão Nobre da Irmandade.

